

# Tensão provoca fugas nas terras indígenas

MANAUS  
AGÊNCIA ESTADO

É grande a tensão na região do lago Capacete, no município de Benjamin Constant, Alto Solimões, onde grande parte das 300 famílias de brancos — pequenos e médios agricultores — que habitam a região está se deslocando para a sede do município, temendo uma revolta dos índios ticunas. Também é grande a expectativa entre os funcionários da Funai e agentes da Polícia Federal, que se encontram na área desde a terça-feira da semana passada, quando um grupo de posseiros assassinou quatro índios e feriu dez, estando ainda desaparecidos outros 13.

O temor se justifica pelo deslocamento de famílias inteiras dos ticunas, que estão descendo, em muitas canoas, o rio Solimões em direção ao lago Capacete. Os índios não se conformam com a liberdade dos 18 posseiros que, chefiados pelo fazendeiro Oscar Castelo Branco, são acusados de ter praticado o massacre, segundo informou ontem um agente da Polícia Federal que esteve na área acompanhando o diretor-geral Romeu Tuma. O prefeito de Benjamin Constant, João Oliveira, o Português, disse ao Estado — contrariando as informações da Funai de que tudo está sob controle — que há muita tensão e medo entre os brancos.

A mesma opinião tem o antropólogo João Pacheco de Oliveira, para quem um revide dos índios é iminente, "a menos que eles vejam que os autores do massacre sejam punidos". Tidos como a nação indígena mais aculturada do Amazonas, os ticunas foram atraídos pelas missões religiosas católicas que chegaram à região em meados do século passado. Pacíficos, sem nenhuma tradição guerreira, os ticunas foram presa fácil para os colonizadores e se adaptaram logo à nova realidade, passando a conviver pacificamente com os brancos. Mas o deslocamento que se vem verificando em direção ao lago Capacete preocupa o antropólogo, que teme mais mortes, pois "índio revoltado não é índio, é demônio".

## A COLONIZAÇÃO

O primeiro contato dos índios ticunas com a civilização foi através dos missionários religiosos, tendo à frente os capuchinhos da Irmandade de São Francisco de Assis, que instalaram em São Paulo de Olivença e Amarutá um colégio para a educação das crianças da tribo. Os índios aprenderam um novo modo de vida e se tornaram mais dóceis, o que os levou a abandonar a caça e a colheita de frutos silvestres, como a castanha, deixando, aos poucos, o centro das florestas.

Depois vieram os exploradores de madeira e os caçadores profissionais, que compravam dos ticunas, a preço vil, as valiosas peles de animais silvestres e as contrabandeavam para a Colômbia e o Peru. Dessa forma, os índios foram sendo espremidos em suas terras e tiveram de abandoná-las, indo para as margens dos rios, onde o contato com a civilização foi mais intenso e danoso para sua cultura. Hoje a maioria da tribo ainda vive ligada à Irmandade da Cruz, que um místico mineiro de nome José da Silva implantou entre eles, em 1973.

Foi a partir dessa época que os ticunas — que antes perdiam suas terras e não reagiam — começaram a se tornar mais conscientes de seus direitos. A Irmandade da Cruz, que obriga homens e mulheres a andar vestidos como Jesus Cristo, doutrinou os índios no sentido de que eram livres quaisquer terras que viessem a ocupar. O que se viu, então, foi o surgimento de pequenos agrupamentos indígenas ao longo do Solimões, onde, há centenas de anos, habitam os brancos. Hoje se pode ver ticunas habitando terras do município de Tefé, no Médio Solimões, a mais de 1.500 quilômetros de distância da região em que viviam no início do século. Com a morte do místico, em 1979, os ticunas ficaram sem suas "terras livres".



Depois da chacina, tensão na reserva ticuna

A Crítica

## Funai pede pena para o crime de genocídio

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

O presidente da Funai, Romero Jucá Filho, encaminhou ontem ao procurador-geral da República, Sepúlveda Pertence, o pedido de enquadramento no crime de genocídio dos responsáveis pela chacina dos índios ticunas. O presidente da Funai justifica a solicitação com o argumento de que "toda a nação brasileira foi atingida com a chacina praticada por posseiros contra índios indefesos". Se atendido o pedido, os acusados ficam sujeitos a penas maiores do que dita o Código de Processo Penal, que prevê 12 a 30 anos de reclusão para os crimes qualificados.

Num encontro que teve ontem com o diretor-geral do Departamento de Polícia Federal, Romeu Tuma, o presidente da Funai lembrou que os 27 assassinos de três índios xacriabá, em 1987, em Minas Gerais, foram enquadrados no crime de genocídio e estão presos aguardando julgamento. Segundo o delegado Tuma, que esteve na região acompanhando as investigações, a Polícia Federal só aguarda o resultado da necropsia para indiciar os responsáveis. Até o momento, estão retidos, sob "custódia moral" da Polícia Federal, os 18 suspeitos do massacre, entre eles o fazendeiro Oscar Castelo Branco, em cuja casa foi apreendida a maioria das armas usadas na chacina.

## ***Funai quer punir por genocídio***

Os responsáveis pela chacina dos índios ticunas, ocorrida na semana passada em Tabatinga (AM), poderão ser incriminados por genocídio. O pedido foi feito ontem pela Funai à Procuradoria Geral da Repú-

blica. A Polícia Federal mantém sob custódia 18 posseiros suspeitos. Até ontem, além dos quatro mortos já identificados, 13 outros índios continuavam desaparecidos.